

## **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA, A ESPACIALIDADE ESCOLAR E AS NOVAS TECNOLOGIAS**

**Francisco Thiago Brito do Oliveira<sup>1</sup>, Kamilla Sayury da Silva Nunes<sup>2</sup>, Francisca  
Elizonete de Souza Lima<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Graduando em Licenciatura em Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campos de Assú. E-mail: [professorthiagobrito@outlook.com](mailto:professorthiagobrito@outlook.com)

<sup>2</sup>1Graduando em Licenciatura em Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campos de Assú. E-mail: [kamillanunes1996@gmail.com](mailto:kamillanunes1996@gmail.com)

<sup>3</sup>Prof<sup>a</sup>. Ma. Departamento de Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/CAWSL. E-mail: [franciscaelizonete@uern.br](mailto:franciscaelizonete@uern.br)

### **Resumo**

Este trabalho tem como escopo analisar as práticas empregadas no ensino-aprendizagem em Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental a partir do Estágio Supervisionado, considerando o emprego das tecnologias digitais. Para chegarmos a esse objetivo cumprimos algumas etapas: a primeira delas a revisão bibliográfica, considerando também os textos trabalhados no componente curricular do Estágio I ofertados pelo departamento de Geografia do Campus de Assú da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Ao concluirmos essa etapa realizamos nossa pesquisa empírica, a partir de observações registradas em diário de campo e da participação nas aulas e desenvolvimento de oficina pedagógica na escola onde realizamos o nosso estágio. E por fim, organizamos os dados coletados e sistematizamos nesse texto que ora apresentamos. Os resultados da nossa pesquisa nos revelaram algumas fragilidades no processo de ensino-aprendizagem da escola observada, tais quais: falta de estrutura, carência de uma formação continuada, déficit de equipamentos tecnológicos para realização das atividades, e ainda uma certa resistência quanto ao uso das novas tecnologias, em particular o uso do celular de forma didática.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Ambiente Escolar. Novas Tecnologias.

### **SUPERVISED INTERNSHIP IN GEOGRAPHY, SCHOOL SPACE AND NEW TECHNOLOGIES**

### **Abstract**

This work aims to analyze the practices employed in teaching-learning in Geography in the final years of Elementary School from the Supervised Internship, considering the use of digital technologies. In order to reach this goal, we accomplished a few steps: the first of them the bibliographical review, considering also the texts worked in the curricular component of Internship I offered by the Department of Geography of the Campus de Assú of the State University of Rio Grande do Norte/UERN. At the end of this stage, we carried out our empirical research, based on observations recorded in a field diary and the participation in classes and development of a pedagogical workshop at the school where we carried out our internship. And finally, we organized the collected data and systematized this text that we present. The results of our research revealed some weaknesses in the teaching-learning process of the observed school, such as: lack of structure, lack of continuing education, lack of technological equipment to carry out the activities, and even a certain resistance to the use of new technologies, in particular the use of cell phones in a didactic way.

**Keywords:** Supervised Internship. School Environment. New Technologies.

## **PRÁTICAS SUPERVISADAS EN GEOGRAFÍA, ESPACIO ESCOLAR Y NUEVAS TECNOLOGÍAS**

### **Resumen**

Este trabajo tiene como objetivo analizar las prácticas empleadas en la enseñanza-aprendizaje en Geografía en los últimos años de Educación Primaria desde el Internado Supervisado, considerando el uso de tecnologías digitales. Para alcanzar este objetivo, realizamos algunos pasos: el primero de ellos la revisión bibliográfica, considerando también los textos trabajados en el componente curricular de Pasantía I que ofrece el Departamento de Geografía del Campus de Assú de la Universidad Estatal de Río. Grande do Norte / UERN. Al finalizar esta etapa, realizamos nuestra investigación empírica, a partir de las observaciones registradas en un diario de campo y la participación en clases y desarrollo de un taller pedagógico en la escuela donde realizamos nuestra pasantía. Y finalmente, organizamos los datos recolectados y sistematizamos este texto que presentamos. Los resultados de nuestra investigación revelaron algunas debilidades en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la escuela observada, tales como: falta de estructura, falta de formación continua, falta de equipamiento tecnológico para realizar las actividades, e incluso cierta resistencia al uso de nuevas tecnologías, en particular el uso de teléfonos móviles de forma didáctica.

**Palabras-clave:** Prácticas Supervisadas. Ambiente Escolar. Nuevas Tecnologías.

### **INTRODUÇÃO**

O desenvolvimento e aprimoramento de novas práticas do ensino-aprendizagem em geografia tem sido alvo de grandes debates dentro da academia, principalmente nas últimas duas décadas onde se pode observar um aumento significativo no número de trabalhos publicados com esse objetivo. Entre os principais autores que discutem o tema podemos citar Cavalcante (2010), Callai e Moraes (2017) e Morais (2013), que se dedicam a pensar o ensino de Geografia como elemento importante para a análise do espaço geográfico, condição *sine qua non* para que o aluno se conheça enquanto cidadão do mundo e, portanto, responsável por sua transformação.

Nos dias atuais vivemos em um mundo onde as informações circulam muito rápido, onde o conhecimento também é produzido numa velocidade nunca antes vista, principalmente pós-Segunda Guerra Mundial. É inegável que os avanços tecnológicos têm contribuído cada vez mais para modificar ou melhorar (ou não) o cotidiano da humanidade, em todas as áreas sem exceção.

Quando pensamos no ambiente escolar durante as primeiras décadas deste século, percebemos que houve mudanças significativas na forma como os alunos se comportam e também no modo como eles interagem com os lugares que frequentam. Essas mudanças, que na maioria das vezes nem são palpáveis, são marcadas também pelo avanço tecnológico. Não é raro escutar conversas dos alunos nos corredores ou mesmo em salas de aulas como: “Ei, você viu aquele vídeo que eu te marquei?”, “Eu mando mensagem pra você”, “vamos jogar quando chegar, agora lá em casa tem wifi”. Enfim, os diálogos são diversos, marcados pelo uso maciço das redes sociais e dos jogos, alcançados com um clique no aparelho celular que se acomoda na palma da mão dos estudantes.

No entanto, as disciplinas escolares parecem ainda não acompanhar de forma linear as mudanças proporcionadas pelo mundo digital, que não é físico, mas que impacta diretamente

no espaço escolar todos os dias, e isso nos leva a alguns questionamentos: os documentos normativos para a educação no Brasil orientam que haja uma maior inserção dos meios tecnológicos no ensino? A formação continuada para os professores – sobretudo de Geografia – está levando em conta esse “mundo digital”? Sendo eu um professor de Geografia quais aspectos desse ambiente escolar, considerando a era da informação e da tecnologia, são relevantes para a minha profissão? De que maneira posso tornar o celular, aparelho adorado pelos estudantes, como recurso didático, retirando seu rótulo de vilão nas aulas de Geografia?

Os questionamentos são muitos, mas no que se refere a disciplina de Geografia esse esforço teórico precisa ser feito pois “[...] a Geografia que se deseja ensinar e aprender precisa estar sintonizada com as linguagens do atual momento histórico [...]” (MORAIS, 2013, p. 262). Considerando os questionamentos acima destacados e a reflexão considerada por Moraes, entendemos que a discussão sobre esse tema é muito pertinente e não podemos nos furtar de fazê-la, especialmente durante a nossa formação, considerando o momento do Estágio Supervisionado também propício para esse debate.

Durante o nosso período de estágio, tivemos a oportunidade de observar os alunos da educação básica de uma escola localizada no município de Assú/RN, e então conseguimos contemplar empiricamente alguns desses hábitos, comuns aos alunos contemporâneos, e claro que também acompanhamos a prática do professor de Geografia, para que pudéssemos chegar ao propósito desse trabalho que é analisar as práticas empregadas no ensino-aprendizagem em Geografia nos anos finais do ensino fundamental a partir do Estágio Supervisionado considerando o emprego das tecnologias digitais.

Para atingir o nosso objetivo central iniciaremos a discussão elencando os desafios do estágio supervisionado e a sua importância como ponto de contato entre a universidade e a educação básica, depois voltaremos ao diálogo sobre o uso das novas tecnologias nas salas de aulas e a urgência de se entender como esse mundo digital impacta na vida dos alunos e no ambiente escolar.

Por fim, mas não menos importante dedicaremos as últimas duas sessões deste trabalho para descrever a nossa experiência enquanto estagiários na escola a qual realizamos o nosso estágio supervisionado e como realizamos a oficina em uma das turmas de 6º ano na escola baseada nos diálogos com o professor da turma e nas nossas observações. A oficina que foi aplicada considerou o conteúdo de cartografia tendo como recurso didático o Jogo Free Fire Battlegrounds, que explicaremos melhor na seção dedicada a isso.

Para a realização da pesquisa, seguimos algumas etapas. No primeiro momento, realizamos a revisão bibliográfica, considerando também os textos trabalhados no componente curricular do Estágio I ofertado pelo departamento de Geografia do Campus de Assú da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. No segundo momento, realizamos nossa pesquisa empírica, a partir de observações registradas em diário de campo e da participação nas aulas e desenvolvimento de oficina pedagógica na escola onde realizamos o nosso estágio. No terceiro momento, organizamos os dados coletados e sistematizamos nesse texto que ora apresentamos.

## **O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA**

Quando pensamos no estágio supervisionado quanto discentes, sempre somos tomados de vários “medos” internos, mesmo tendo participado desse processo outrora como alunos no ensino básico, não é a mesma coisa. Agora estamos do outro lado da moeda, somos nós os responsáveis por moldar o conteúdo que será aplicado aos alunos da educação básica, e talvez esteja aí a razão dos “medos”, pois apesar de não sermos os únicos responsáveis pelo desenvolvimento intelectual dos educandos, (considerando que existam outros também como diretores, coordenadores pedagógicos, supervisores, dentre outros profissionais da educação) somos nós, os professores que lidamos diariamente com as dificuldades de aprendizagem que precisam ser superadas.

Desse modo, entendemos que o estágio supervisionado é indispensável para os cursos de licenciatura em geral, pois é durante esse processo que podemos desmistificar vários desses “medos” que perturbam tanto os licenciandos e que em alguns casos são motivos até de desistência do curso, o que agrava ainda mais a falta de professores na rede básica de ensino. A esse respeito, Santos (2013) afirma que:

O estágio supervisionado possibilita um aprendizado imperativo para que os licenciandos possam refletir acerca da docência, teorizando sobre o seu objeto de estudo e de ensino na perspectiva da realidade que vivenciará na condição de docente. [...] (SANTOS, 2013, p. 59).

Vivenciar o ambiente escolar mesmo que inicialmente como observadores, é uma oportunidade ímpar para qualquer licenciando, pois é lá onde o estagiário poderá acompanhar toda dinâmica e rotina daquele que será o seu ambiente de trabalho: a prática e os métodos empregados pelos professores titulares das disciplinas, o comportamento de uma turma regular de uma escola ou de uma turma desnivelada, a interação dos alunos seja com o professor, com o ambiente ou entre os próprios alunos, em outras palavras, trata-se de adquirir o mínimo de experiência possível para a sua formação profissional. Santos (2013) mais uma vez corrobora com essa reflexão quando afirma que:

O estágio possibilita uma oportunidade para que os licenciandos possam interagir com o conhecimento através de experiências concretas, buscando responder as demandas vivenciadas na formação inicial. Ao trilhar caminhos apropriados e em conformidade com as exigências postas ao docente na atualidade, o estágio quanto espaço de pesquisa contribui para que a universidade gere novo espaço de diálogo e convivência em torno da formação docente de qualidade. (SANTOS, 2013, p. 66).

Agora, abordando especificamente o curso de Geografia e o seu estágio supervisionado, percebemos que em muitas oportunidades o discente sente muita dificuldade de aplicar o conhecimento adquirido outrora na universidade na sala de aula da educação básica. Apesar dos professores universitários desta disciplina afirmarem que estamos sendo formados para lecionar Geografia, seja o assunto qual for, o que se observa é que existem divisões bem marcantes dentro desta ciência, que as vezes teimamos em levar para a Geografia escolar; nos referimos a dicotomia entre Geografia Humana e Geografia Física.

Em alguns momentos na universidade, o discente as vezes se identifica muito com alguma disciplina específica, por se tratar de uma realidade que ele mesmo vivência, ou então alinha a sua discussão teórica a de um docente ao qual ele é mais receptivo, ou ainda embarca em projetos de pesquisa ou extensão que procuram desenvolver um trabalho mais alinhado com uma das grandes áreas da Geografia. No entanto, mesmo em cursos de licenciatura em Geografia, muitos dos projetos desenvolvidos nem sempre procuram discutir a aplicabilidade dos conhecimentos geográficos na educação básica, que deveria ser o foco do curso, já que se trata de formar professores. A esse respeito, considera Cavalcanti (2010):

Uma das dificuldades na formação inicial é que em geral ela tem sido bastante marcada pela aprendizagem de conteúdos teóricos da geografia acadêmica, e de suas diversas especialidades, sem a reflexão de seus significados mais amplos e de como atuar na prática docente com esse conteúdo. [...] (CAVALCANTI, 2010, p. 45).

Em uma de suas pesquisas tendo por base as discussões e resultados discutidos nos Encontros Nacionais de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG), Abreu (2013) fala um pouco sobre como ainda é difícil pensar um curso de licenciatura em Geografia que possa ser “integrador” entre as disciplinas específicas, o ensino de Geografia e a educação básica. Para chegar a essa afirmação a autora levou em conta propostas feitas para o estágio supervisionado dos cursos de licenciatura em Geografia no ano de 2005 e aplicadas no ano seguinte e a discussão realizada sobre os resultados no encontro de 2007:

Dos relatos de experiências vividas na elaboração das propostas apresentadas em 2005, pouco sobrou, na prática, em 2007, no 9º ENPEG, em Niterói. A avaliação dos desdobramentos desses projetos refletiu a realidade dos cursos de graduação, sobretudo das licenciaturas enquanto formadoras de professores para a educação básica, principalmente. As articulações e envolvimento idealizados esbarram na rigidez departamental e/ou na retomada de cada professor, das diferentes áreas específicas, exatamente ao seu lugar anterior, ou seja, o cantinho da sala de aula, da sua pesquisa e/ou da extensão que ele/ela realizava e “suas disciplinas”, que apenas pelo detalhe de serem ministradas para um curso que forma professores de Geografia, não teria relação com a prática de ensino ou o estágio supervisionado dos alunos-estagiários e muito menos com a prática do acadêmico, futuro profissional. (ABREU, 2013, p. 89).

Considerando isso, temos percebido, que nos cursos de licenciatura, ainda são os componentes de Estágio Supervisionado os grandes responsáveis pela problematização da profissão docente, bem como pela reflexão da aplicabilidade dos conteúdos geográficos no ensino. O estágio segue sendo assim o “divisor de águas” nos cursos de licenciatura. Isso é preocupante porque normalmente ele só é ofertado na segunda metade do curso, deixando uma lacuna inicial (que vem aos poucos sendo superada, ainda timidamente, por programas como o PIBID).

Apesar de tudo isso, é o Estágio que nos permite tocar o chão das escolas. Através das etapas de observação e de regência, vamos aos poucos adentrando o ambiente escolar, desvendando sua realidade, problematizando a prática docente e nos reconhecendo enquanto sujeitos também responsáveis pela transformação da sociedade, quando assumimos nossa identidade de professores, ainda que em formação. É no Estágio que estamos tendo a



oportunidade de dialogar mais de perto com os sujeitos que constituem o espaço escolar e que devem ser ouvidos quando pensamos em possibilidades de melhorar o ensino, de potencializar a aprendizagem e de valorizar a escola básica.

Pensando o ensino de Geografia, é no estágio que temos a oportunidade de mediar o conhecimento acerca dos fenômenos Geográficos, nos instrumentalizando para, no processo de ensino-aprendizagem, favorecermos a análise espacial por parte dos alunos.

Entendendo o espaço geográfico também como objeto dessa Geografia Escolar, precisamos utilizar o momento do estágio para aprendermos a ser professores de Geografia comprometidos com a aprendizagem dos alunos na análise do espaço geográfico e no reconhecimento de sua cidadania territorial, portanto, sujeito responsável também pela construção de um mundo mais justo e cada vez menos desigual. Todos esses elementos, que carecem de um aprofundamento teórico (que não será possível nesse texto agora), são passíveis de serem problematizados no Estágio Supervisionado em Geografia como foi possível de ser verificado no momento que realizamos o nosso primeiro Estágio.

Assim, entendemos que o estágio supervisionado não é uma etapa simples, pois muitas variáveis estão postas para os estagiários e necessitam ser problematizadas, como por exemplo como é a rotina da escola onde se passa o estágio? Em qual lugar a escola está inserida? Como aplico os conhecimentos acadêmicos na educação básica? É necessário fazer uma transposição didática ou a mediação didática? De que maneira a tecnologia impacta no ambiente da sala de aula? Como favorecer a aprendizagem dos alunos? Enfim, os questionamentos são muitos, mas os caminhos para os diálogos estão abertos e se fazem muito mais presentes nesse século, o que tem levado a construção de ótimos trabalhos sobre o estágio supervisionado.

## **O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO AMBIENTE ESCOLAR: ALGUMAS CONSTATAÇÕES**

No momento histórico atual em que vivemos, não podemos negar o impacto das novas tecnologias dentro do ambiente escolar, sejam elas convencionais já elencadas tantas vezes em trabalhos científicos como o computador, o projetor, a impressora ou as menos convencionais, como por exemplo os telefones celulares dos alunos chamados de “*Smartphones*” e que em sua grande maioria acessam rapidamente a rede mundial de computadores. Com esses aparelhos o acesso à informação nunca foi tão rápido e fácil, mas ainda assim, o seu uso de forma didática na sala de aula encontra alguma resistência por parte dos professores.

Nós, enquanto licenciandos em Geografia entendemos que o uso das tecnologias no momento atual é vital até para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, para que a leitura de mundo dos alunos possa ser mais ampla, resultado da parceria construída entre educadores e educandos. Entendemos, nesse sentido, que ao planejar aulas que envolvam esses recursos metodológicos, o professor de Geografia terá a oportunidade de estudar e compreender como os alunos lidam com os Smartphones ou a Internet na sala de aula de uma forma didática é claro, e ao mesmo tempo, permitirá descobrirem novos meios de interação com os conteúdos das aulas.

Esse esforço de aproximação com as novas tecnologias na sala de aula deve acontecer pois segundo Castells (1999, p. 25, apud MORAIS, 2013 p. 255) “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida sem suas ferramentas tecnológicas”, desse modo não

podemos ignorar o mundo digital e suas ferramentas, pois se o assim o fizermos como entenderemos os nossos alunos? Como poderemos ajudá-los a se tornarem cidadãos se ignoramos os meios pelos quais eles passam grande parte do seu tempo interagindo?

A escola é um lugar de vivência para os alunos e suas interações com o mundo digital são tão importantes quanto as do mundo real, não é algo fictício ou futurístico é algo que faz parte do seu dia a dia, e que para eles é muito natural. Apesar dessas premissas, é importante considerar que para o uso de muitos recursos tecnológicos é necessário que estes sejam disponibilizados nas escolas, mas o que mais encontramos são escolas sucateadas, sem condições mínimas de interação com as tecnologias mais atuais, por falta de suporte e de infraestrutura, negados pelo poder público que mantém a educação como sendo onerosa ao estado e não na perspectiva de investimento. Sobre o uso dos recursos tecnológicos, Castellar, Sacramento e Munhoz (2011), consideram que:

O uso de recursos tecnológicos tais como computadores, portais, softwares, jogos digitais e outras ferramentas permitem que a aula se torne mais atraente e instigante, mas apesar das inovações, este uso ainda não é uma realidade em todas as escolas. No entanto, também é verdade que inúmeros fatores corroboram para este fato, dentre eles a falta de uma estrutura adequada, como laboratórios e/ou salas multimídias, equipamentos, funcionários de suporte, e o mais importante e quase decisivo, para este quadro: uma formação consistente para professores, o que acarreta uma resistência a estas novas formas de ensinar e aprender (CASTELLAR; SACRAMENTO; MUNHOZ, p. 114).

Concordamos com as autoras nos elementos que apontam com relação ao uso dos recursos tecnológicos nas escolas, e para esse texto, nas aulas de Geografia. Numa sociedade marcada profundamente pela desigualdade social, fica muito difícil favorecer esse uso nas escolas tão sucateadas ou solicitar aos alunos equipamentos digitais quando estes também não têm acesso ou esse acesso é restrito devido a qualidade da internet ou do próprio equipamento. Mas, um fator tão agravante quanto, pode ser a formação, pois nos cursos de licenciatura em Geografia quase não existem cadeiras que objetivem uma formação/alfabetização digital para os futuros professores. Como fazer uso das tecnologias, utilizando as ferramentas digitais de maneira didática se não somos capacitados para isso? Na atual sociedade, deveria ser obrigatório uma formação mais holística e que considere o uso das “novas” tecnologias na prática docente.

## **ORIENTAÇÃO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA: RELATOS DO PRIMEIRO ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Esse estágio supervisionado foi o primeiro em um total de quatro, e o mesmo se caracteriza como sendo o estágio de observação das turmas dos anos finais do Ensino Fundamental. O mesmo, possui uma carga horária de 150 horas que são divididas entre aulas dialogadas com o professor supervisor acadêmico de estágio, planejamentos junto aos professores supervisores da escola campo, as observações na/da escola, e a realização de uma oficina com a turma ou as turmas em que estamos desenvolvendo o estágio. As observações das salas de aula ocorreram no turno da tarde, pois o nosso curso tem as suas aulas regulares pela parte da manhã.

Iniciamos o estágio na primeira semana do mês de outubro de 2019 que seguiria até a última semana do mês de março de 2020. Porém, precisamos elencar dois pontos: o primeiro é que a rede municipal de educação de Assú/RN e a universidade tem calendários letivos diferentes e isso exigiu uma reorganização do cronograma da do componente de estágio, nos permitindo realizar algumas leituras e debates anteriores para só depois irmos à escola que iniciou suas aulas somente em fevereiro. O segundo ponto, é que por causa da pandemia COVID 19, as aulas presenciais da universidade só ocorreram até a segunda semana do mês de março de 2020, tendo o semestre sendo concluído de forma remota, nas últimas duas semanas que restavam.

Durante o estágio supervisionado, como já dito antes, observamos uma escola no município de Assú/RN, era de certa forma diferente retornar a esse ambiente tão familiar quanto uma escola da educação básica pode ser para nós graduandos. Um fato curioso sobre a escola é que ela funciona em um prédio alugado no centro comercial da cidade, e ao seu redor estão localizados bancos, restaurantes, supermercados, lojas de roupa ou de eletrodomésticos, enfim vários tipos de comércio, mas ao entrar na escola a sensação que temos é que fomos transportados para outro local, que não representa nem um pouco a realidade das construções ao seu entorno.

Ao chegarmos na escola onde realizaríamos as observações do estágio fomos muito bem recebidos pela equipe pedagógica e pelos professores em geral. A diretora e o supervisor da escola fizeram questão de estarem presentes na nossa recepção, o que demonstrava um certo apreço em nos receber em sua escola e isso nos deixou muito mais à vontade para conhecermos o ambiente escolar e perceber que éramos muito bem-vindos àquela instituição.

Ainda nesse mesmo, dia conversamos mais calmamente com o supervisor da escola sobre a rotina da mesma e sua estrutura assim como os seus recursos para o ensino-aprendizagem. Dialogamos mais algum tempo com os professores responsáveis pela disciplina de Geografia na escola, e como era dia letivo, conversávamos quando os professores estavam em algum horário vago entre as turmas daquele dia. Esse primeiro momento com a direção da escola e com os professores foi muito importante para que pudéssemos traçar um panorama geral da escola e das turmas descritas pelos professores.

Depois desse acolhimento e dos diálogos o primeiro fato que constatamos e sentimos na pele foi o calor intenso, algumas poucas salas são climatizadas, mas nem as que dispõem desse recurso escapam do constante calor, por muitas vezes os aparelhos se encontraram em situação precária, as demais salas contam apenas com ventiladores que também compartilham da situação dos aparelhos de ar-condicionado, o que faz da biblioteca (ambiente climatizado e de fácil acesso aos professores) uma espécie de refúgio por alguns momentos. Para piorar, a escola contém apenas três árvores dentro de sua dependência, o que ajuda a agravar ainda mais a situação de desconforto térmico.

Enquanto observávamos os espaços da escola e a sua rotina, notávamos alguns comportamentos dos alunos, onde eles conversavam sobre assuntos como: seu final de semana, um programa de tv ou uma série, de jogos eletrônicos ou físicos, e claro, assuntos relacionados as suas vidas sociais. Esse comportamento de certa forma era curioso pois a escola principalmente no período de intervalo não oferecia um ambiente acolhedor para a socialização entre os alunos e alunas já que a estrutura física do prédio contribuía para elevar a sensação térmica local, mas como já mencionado antes isso não os impediam de socializarem entre si.



Quando observávamos as aulas de Geografia, notamos que as turmas tinham comportamentos diferentes, sabemos que “todo aluno é um mundo”, mas quando falamos de mudanças de comportamentos aqui estamos falando de hábitos que caracterizam talvez a faixa etária das turmas. Por exemplo: os alunos de 6º ano eram muito mais agitados e cheios de energia do que os alunos do 9º ano, isso não significava exatamente falta de energia da turma do 9º, mas sim uma mudança comum de comportamento que pode ter a ver com a fase da vida desses sujeitos (no caso dos alunos do 9º ano, já adolescentes).

Uma das coisas que mais nos chamou à atenção foi o fato da escola ser um “lugar” de vivência para os alunos e não apenas um “local” onde eles frequentam a fim de ser escolarizados, ou seja, todas as discussões, problemas familiares, sociais ou realidades reais e digitais eram compartilhadas diariamente entre eles.

Em relação aos meios tecnológicos que a escola dispõe, a mesma conta apenas com um projetor que claramente é insuficiente dado a quantidade de turmas que ela dispõe. O acesso à internet é de uso dos professores e da diretoria, o que permite aos docentes elaborar pesquisas para montar os seus planos de aula, mas os mesmos têm que dispor de um aparelho próprio para utilizá-la (*notebook, Smartfone*). Em relação a impressões (e cópia de materiais didáticos), elas acontecem, mas não livremente, pois a escola tem dificuldade de repor os materiais que realizam essa função como papéis ou os tones de tinta que alimentam a impressora, por esse motivo há um certo controle das atividades impressas, sobretudo no período das avaliações escrita.

## **A OFICINA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA A SER COMPARTILHADA**

Como uma das últimas etapas do Estágio de Observação, tínhamos a execução das Oficinas Pedagógicas. As oficinas deveriam ser realizadas obrigatoriamente com uma ou algumas das turmas em que realizávamos o estágio. Como o estágio de observação não nos permite a regência em si, a realização de oficinas significa uma grande oportunidade para a nossa primeira imersão, de fato, no ambiente da sala de aula enquanto responsáveis também pela condução dessa atividade. A realização das oficinas é uma etapa crucial, pois além de nos permitir essa imersão, nos dá autonomia na condução do processo e favorece a autonomia dos alunos e alunas das turmas em que estamos estagiando, já que a oficina deverá ter um produto final e esse deverá ser uma construção compartilhada entre eles, os estagiários e o professor supervisor de campo.

Quando paramos para planejar a oficina que culminaria o fim do nosso estágio supervisionado, pensamos em três pilares que sustentariam o nosso plano: o conteúdo de Geografia para o 6º ano, o ambiente escolar encontrado e o mundo digital por eles compartilhado. Partindo disso, decidimos que usaríamos a cartografia como tema para nossa oficina, pois em diálogo com o professor de Geografia da turma, foi nos relatado que apesar do mesmo já ter aplicado o assunto em suas aulas, os alunos ainda sentiam certa dificuldade em relação ao tema, que para nós deve ser entendida enquanto uma linguagem, passível de ser utilizada no trabalho com qualquer conteúdo geográfico. A dúvida que nos surgiu após a escolha da temática foi; como abordariamos esse assunto de uma forma empolgante para os educandos?

Durante nossas observações em sala de aula percebemos que um jogo em comum era bastante comentado entre os alunos, e inclusive era motivo para que o professor diversas vezes parasse sua aula para intervir nas conversas que se seguiam e, que favorecia a não compreensão dos conteúdos trabalhados, pois os alunos ficavam dispersos dialogando sobre o jogo. O jogo em questão era o jogo virtual Free Fire Battlegrounds, trata-se de um jogo de sobrevivência onde 50 jogadores tentam sobreviver numa ilha, onde o último esquadrão ou jogador vivo vence.

Sendo assim, vimos a oportunidade ideal de aplicar a nossa oficina de cartografia integrando os três pilares que relatamos antes. Nesse caso, usaríamos o Jogo Free Fire Battlegrounds, recurso para abordarmos a linguagem cartográfica. Porém tínhamos uma grande preocupação de como utilizaríamos esse recurso, pois não se tratava de levar o jogo apenas para os alunos jogarem (pois isso eles já fazem diariamente) e sim, de utilizá-lo como recurso didático que funcionasse como incentivador para a participação dos alunos nas atividades da oficina. E tendo isso em mente elaboramos o plano da nossa oficina que será descrita no quadro abaixo (quadro I) em todos os seus detalhes:

**Quadro I: Plano de Oficina**

<b>Tema</b>	<b>Os elementos cartográficos e os jogos eletrônicos de sobrevivência.</b>
<b>Público-alvo</b>	6º ano
<b>Carga Horária</b>	02:00 hora/aula
<b>Objetivo Geral</b>	Trabalhar os elementos geográficos e cartográficos tendo por base o jogo Free Fire Battlegrounds.
<b>Objetivos Específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>➤ Organizar os elementos cartográficos através do mapa “Bermuda” que está presente no jogo.</li><li>➤ Identificar os tipos de relevo que apresenta o mapa “Bermuda”.</li><li>➤ Conscientizar os alunos sobre os malefícios causados pelo excesso de horas gastas no jogo, como o vício e as doenças psicológicas.</li></ul>
<b>Conteúdo</b>	<p>O mundo atual em que vivemos é um mundo muito diferente de algumas gerações passadas, vivemos a era da informação e isso teve grandes impactos na sociedade. Nós professores de Geografia não podemos fechar os olhos para isso, pois “torna-se fundamental que o ensino de Geografia, acompanhando essa revolução tecnológica, se renove e inove por meio da incorporação das linguagens da era digital” (MORAIS, p. 258, 2013).</p> <p>Na turma que observamos, o 6º ano 2, o professor nos relatou algumas características da turma, e duas coisas nos chamaram muito atenção: a primeira é que a turma tem uma certa dificuldade quando o assunto é cartografia, e a segunda é que os alunos jogam muito o Jogo Free Fire Battlegrounds que nos dias atuais é muito popular entre os jovens brasileiros, o que tem se refletido aulas muito difíceis de ministrar, isso por que boa parte dos alunos conversam muito sobre o jogo e até discutem em sala de aula, fazendo com que o professor em diversos momentos tenha que intervir para que a aula possa acontecer.</p> <p>Partindo da ideia de que vivemos no “mundo digital” que não é necessariamente real, mas impacta diretamente no nosso espaço físico, observamos que essa seria uma ótima oportunidade de aliar uma</p>

	<p>necessidade de aprendizagem da turma com um assunto que é comum a eles, e está atuando nesse espaço todos os dias, mesmo que despercebidamente.</p> <p>O Free Fire Battlegrounds é um jogo de sobrevivência que se passa em uma ilha chamada “Bermuda”, os jogadores podem jogar sozinhos ou formar times, onde obviamente ganha quem sobrevive até o final do game. O “mapa” do jogo tem várias pequenas vilas e “cidades” porém é um “mapa” que não possui os 5 elementos cartográficos (Título, Fonte, Orientação, Escala e Legenda), mas independente disso, os jogadores se orientam de alguma forma dentro do jogo para se movimentarem, dessa forma pensamos que a cartografia pode ser amplamente discutida e empregada tendo por base o “mapa” do jogo.</p>
<b>Metodologia</b>	<p>A nossa oficina será uma aula expositiva, dialogada e propositiva onde iniciamos com uma dinâmica de perguntas e respostas sobre os conhecimentos prévios dos alunos acerca do jogo. Em seguida, levaremos para a sala de aula uma réplica do mapa “Bermuda” impresso numa gráfica, de tamanho 1.20cm x 1.20cm para levar a sala de aula, o que a priori empolgaria os alunos e nos auxiliaria na execução das atividades. Esse momento seria seguido de uma atividade dissertativa onde os alunos irão preencher quais seriam os cinco elementos daquele “mapa” assim como onde se estavam localizadas algumas “cidades” disposta sobre o mesmo.</p> <p>Depois dividiremos os alunos em até 8 grupos (se necessário) para acompanhar uma partida da liga profissional de Free Fire com o objetivo de observar e descrever quais são as direções que os times (que serão escolhidos por cada grupo) estão seguindo, os grupos dos alunos terão que escolher um líder onde o mesmo sortearia o nome de uma equipe que teria que acompanhar no terreno, ou seja, eles seriam observadores das movimentações pelo “mapa” e descreveria o máximo possível o trajeto da equipe que o seu líder sorteou, observando desde onde a equipe desceu no terreno, a direção que ela se movimentou durante a partida, o foco aqui é tentar compreender se os alunos entenderam minimamente como funciona a orientação em um terreno.</p> <p>Por fim, será feito um trabalho de conscientização com os alunos, onde passaremos alguns vídeos com <i>youtuber</i>’s famosos da comunidade de Free Fire alertando sobre os prejuízos causados pelo vício no jogo e como o excesso de exposição a ele pode levar a algumas doenças psicológicas.</p>
<b>Produto final</b>	<p>O produto final da oficina será uma amostra das atividades realizadas pelos grupos, onde eles apresentarão aos monitores da oficina e aos colegas a conclusão dos seus trabalhos.</p>

**Fonte:** Dos autores, 2021.

A oficina contou com a presença de 27 alunos que permaneceram até o final da execução da mesma. Ao finalizarmos e corrigirmos as atividades, percebemos déficits por parte de alguns alunos, principalmente com relação à atividade individual. Dos 27, somente 16 alunos conseguiram cumprir corretamente todas as questões abordadas, outros 10 responderam, mas deixaram algumas das questões incompletas e somente 1 aluno não realizou a atividade.

Com relação a atividade realizada em grupo, dos 5 grupos formados, todos conseguiram cumprir com os requisitos exigidos, descrevendo perfeitamente todos os passos de suas respectivas equipes, porém, algumas das equipes selecionadas pelos grupos não conseguiram ir muito longe na partida, o que levou a rápida conclusão da atividade por parte deles.

Ao final da análise da oficina, concluimos que a mesma foi positiva, tanto do ponto de vista do aprendizado dos alunos, quanto da satisfação do professor com a abordagem do conteúdo de outra forma. Foi muito inspirador observar a empolgação dos alunos na chegada à biblioteca (onde se realizou a oficina) até a saída deles para outra aula.

É indiscutível que as novas tecnologias já são uma realidade no nosso mundo. Mesmo sem a presença física do celular na oficina, conseguimos trabalhar um conteúdo da Geografia onde aliamos a nossa observação empírica da dinâmica da sala de aula, o conhecimento prévio dos alunos sobre essas novas tecnologias e o conteúdo da disciplina geográfica para um fim específico. O fato de o jogo Free Fire Battlegrounds ser “leve” popularizou o mesmo perante aos alunos mais carentes que possuíam aparelhos menos potentes, o que conseqüentemente o fez atingir parcelas maiores da população, sobretudo as mais humildes e menos favorecidas, e que, não por acaso, são o público da escola onde realizamos nosso estágio.

Depois de vários diálogos entre nós e o professor da turma, conseguimos entender algumas das lacunas deixadas no aprendizado dos alunos referentes a cartografia. Desse ponto até realização da oficina, o que houve foi uma grande troca de aprendizados entre os alunos, nós estagiários e o próprio professor da turma que após esse processo se mostrou muito mais receptivo ao uso das novas tecnologias na sala de aula. Essa experiência nos evidencia a importância da formação continuada, da garantia do tempo de planejamento e de destinação de recursos para as escolas públicas, considerando a importância do uso das tecnologias no tratamento didático e dinâmico dos conteúdos geográficos.

Adentrar o universo dos alunos nos possibilita pensar em novas estratégias para sala de aula, novas possibilidades, novos caminhos, novas formas de rompermos com o tradicionalismo que ainda impera nas instituições de ensino do nosso país. É preciso inovar para se ter uma educação realmente efetiva e transformadora.

Apesar das condições adversas à prática de ensino-aprendizagem encontradas em várias escolas de ensino básico no país, essa primeira experiência nos deixou esperançosos quanto a nossa futura profissão, o que nos faz crer que “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. [...]” (FREIRE, p. 29, 1996), e assim construirmos uma educação significava que permita nos reconhecermos quanto cidadãos conscientes sobre a nossa realidade.

## **CONCLUSÃO**

Os desafios de se compreender como se dá o processo de ensino-aprendizagem em Geografia não é nada simples. No nosso primeiro contato com a sala de aula sendo, graduandos em licenciatura em Geografia, nos revelou quanto o ambiente escolar pode ser difícil e complexo de entender. Nos permitiu também, refletir sobre o papel de cada docente em cada disciplina e nos seus desafios diários, tendo que cumprir os seus deveres quanto professores mesmo em condições adversas.

O estágio supervisionado nesse aspecto se mostrou indispensável para nossa formação profissional, pois é impossível acumular esse conhecimento referente aos traquejos presentes na rotina da escola e da sala de aula sem colocar os pés “no chão das escolas”. A leitura *a priori* é muito importante, mas fazer parte dessa vivência nos revela uma perspectiva diferente do que poderíamos pensar apenas lendo os textos da disciplina na universidade.

Foi durante o estágio supervisionado que pudemos entender que o conhecimento e a informação não são suficientes para se desenvolver uma boa prática docente, é necessário bons profissionais como os que encontramos na escola, pois mesmo com condições difíceis para se cumprir o exercício de suas profissões os mesmo a realizavam da melhor maneira que podia num esforço contínuo e diário. Isso nos leva a frisar, mais uma vez, a necessidade de se considerar a educação como área prioritária de investimento público. É preciso valorizar as escolas públicas e os sujeitos que as constroem.

Gostaríamos de reiterar que o uso das novas tecnologias nas escolas, além de ser encorajado, deve ser possibilitado pelo Estado. Não é raro ver escolas nas condições da qual observamos, e por isso também escrevemos esse trabalho, a fim de que um dia a educação que promove a cidadania possa ser assunto de máxima importância no futuro próximo.

Quanto aos graduandos e professores, esperamos que esse artigo os inspirem a se abrirem, para novos meios de ensino. O aluno, esse que senta todo dia nas carteiras da sua escola, ele não é “um balão vazio”, ele tem histórias e práticas que precisam ser entendidas, e as vezes para se entendê-lo não precisa ser feito muito esforço, basta observá-lo, ouvi-lo e enxergá-lo enquanto sujeito do processo de ensino-aprendizagem e não mero objeto desse processo, como tem sido entendido na maioria das vezes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, S. O Estágio Supervisionado na Formação dos Professores de Geografia: diálogos ininterruptos. In: ALBUQUERQUE, M.A.M.; FERREIRA, J.A.S. (Orgs.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 87-104.

CALLAI, H. C.; MORAES, M. M. Educação geográfica, Cidadania e Cidade. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial, 2017, p. 82-100. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/4771/2416>. Acesso: 18 de mar. de 2021

CASTELLAR, S. M. V.; SACRAMENTO, A. C. R.; MUNHOZ, G. B. Recursos multimídia na educação geográfica: perspectivas e possibilidades. In: **Ciência geográfica**. vol. 15, jan/dez, 2011. Disponível em: [https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV\\_1/AGB\\_dez2011\\_artigos\\_versao\\_internet/AGB\\_dez2011\\_16.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_16.pdf). Acesso: 11 de Abr. de 2018.

CAVALCANTI, L. S. **A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. 3ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo/SP: Paz e Terra, 1996.



MORAIS, I. R. D. Diferentes Linguagens no Ensino de Geografia: novas possibilidades In: ALBUQUERQUE, M.A.M.; FERREIRA, J.A.S. (Orgs.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 241-264.

SANTOS, M. F. P. O Estágio Supervisionado na Formação dos Professores de Geografia. In: ALBUQUERQUE, M.A.M.; FERREIRA, J.A.S. (Orgs.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 59-86.

Artigo recebido junho/2021 e aceito em dezembro/2021